

**Diferentes abismos:**  
estudo comparativo entre  
a realidade da população de rua  
em Londres no século XX  
e no Rio de Janeiro no século XXI

Suzana Rozendo Bortoli

Jornalista e pesquisadora.  
Mestre em jornalismo pela UFSC  
Doutoranda em Comunicação pela ECA-USP.  
E-mail: suzanarozendo@usp.br

Recebido: 16 out. 2015

Aprovado: 2 dez. 2015

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo traçar essas semelhanças, pinçando trechos do livro *O povo do Abismo* e pareando-os com depoimentos de sete mulheres adultas em situação de rua, que foram coletados, por meio de entrevista semiestruturada, de janeiro a maio de 2014 em duas Unidades de Reinscrição Social da cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Jack London. O povo do abismo. Mulheres adultas em situação de Rua. Rio de Janeiro.

**Abstract:** This paper aims to draw these similarities, pinching parts of the book *People of the Abyss* and pairing them with testimonials seven adult women on the streets, which were collected through semi-structured interviews, from January to May 2014 in two units of Social Welfare of the City of Rio de Janeiro.

Keywords: Jack London. The people of the abyss. Old women in street situation. Rio de Janeiro.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo llamar estas similitudes, pellizcar partes del libro *Gente del Abismo* y la vinculación con los testimonios de siete mujeres adultas en las calles, que fueron recogidos a través de entrevistas semi-estructuradas, de enero a mayo 2014 en dos unidades de Bienestar Social de la Ciudad de Río de Janeiro.

Palabras clave: Jack London. La gente del abismo. Mujeres mayores en situación de calle. Río de Janeiro.

## **Apresentação**

A errância, que caracteriza a situação de rua, sempre esteve presente nas cidades, desde o mundo antigo. Em todas as épocas, esse fenômeno foi provocado por uma combinação de fatores: econômicos, políticos e sociais (FRANGELLA, 2004). De acordo com Frangella (2004), a partir da Idade Média, esse público passou a viver em volta dos feudos e buscar ajuda da igreja. Já nesse período, começaram a ser classificados como vagabundos, mendigos, migrantes, incapacitados e sem domicílio fixo.

Em 1902, o escritor norte-americano Jack London resolveu conhecer de perto essa clientela, transformando-se em desabrigado e inserindo-se no submundo social dos excluídos da Londres do começo do século XX para retratar, por meio dessa experiência, a miséria do mais poderoso império da época. A grande reportagem social deu origem ao clássico “O povo do abismo”, publicado no ano seguinte. Em meio ao contexto do capitalismo industrial, Jack London descreveu, no livro, diálogos e situações que indicavam, já naquele período, a noção de que os desabrigados eram vistos como preguiçosos e desocupados. Percebe-se que havia um número menor de mulheres em relação aos homens vivendo em vias públicas do extremo leste londrino e que estas eram tratadas de forma ainda mais desigual.

Por meio de sua experiência nas ruas, Jack London tentou desmistificar a visão preconceituosa de quem não conhecia esse público de perto: “Os homens e mulheres que encontrei pelas ruas, nos albergues noturnos e nos ‘sopões’ não estão lá porque consideram esse modo de vida uma ‘moleza’. Delineei com nitidez suficiente suas dificuldades para demonstrar que a existência deles pode ser tudo, menos uma ‘moleza’” (LONDON, 2004, p. 220).

No Brasil, a população de rua passou a ser reconhecida como um problema de saúde pública com a chegada da Coroa Portuguesa no século XIX. Políticas de higienização dos espaços urbanos iriam estratificar esse público, inserindo-a em instituições especializadas, como orfanatos, hospícios, asilos de velhos e prisões (COSTA, 1989).

Alguns incidentes históricos foram determinantes na gênese da população de rua no País, a exemplo da abolição da escravatura, com a assinatura da Lei Áurea no dia 13 de maio de 1888. O fim da escravidão produziu desabrigados em massa e, no fim do

século XIX e no início do XX, a migração de famílias negras em direção aos centros urbanos esteve sempre associada à criminalidade. A ideia de vadiagem que se tinha dos ex-escravos servia para vigiá-los. Desse modo, pós-abolição, para controlar o ex-escravo, o Estado brasileiro criou a “lei da vadiagem”, que consistia em prender qualquer cidadão que estivesse vagando pela rua<sup>1</sup>.

De outras formas, a vigilância e a punição de quem vaga pelas ruas, nos dias de hoje, ainda existe. Caldeira (2000) explica que as grandes metrópoles brasileiras tornaram-se “cidades de muros”. Esses muros não são apenas simbólicos, mas também físicos, resultantes do medo de ameaça de alguns grupos que compõem a população, tais como os pobres, os “marginalizados” e os sem-teto. Isso, aliado à descrença da eficácia do poder público em garantir a segurança de todos. A vida na cidade, marcada pela tensão, discriminação e apartação, segundo Teresa Caldeira, afasta a possibilidade de relações de pessoas “normais” com aquelas com as quais elas consideram “diferentes” ou perigosas, apesar da proximidade espacial entre grupos heterogêneos. Cada habitante vive isolado e convive apenas com seus iguais.

Mais de cem anos depois da escrita de Jack London, percebemos que sua narrativa continua atual e em consonância com a realidade de grandes cidades do Brasil e, conseqüentemente, com a realidade da metrópole carioca-fluminense. Falta de habitação e de emprego; medidas higienistas; péssimas condições dos abrigos públicos; preconceito com quem vive nas ruas e exclusão maior das mulheres também são vistos no Rio de Janeiro do século XXI.

## **Objetivo e método**

O presente trabalho tem por objetivo traçar as semelhanças encontradas na reportagem de Jack London com a realidade da população em situação de rua da cidade do Rio de Janeiro, pinçando trechos do livro “O povo do Abismo” e pareando-os com depoimentos de sete mulheres adultas em situação de rua (Cecília, Jane, Maria Cristina, Cristina Maria, Maria de Lourdes, Ana Lucia e Gleicyane), que foram coletados de janeiro a maio de 2014 em duas Unidades de Reinserção Social (Stella Maris e Irmã Dulce) da cidade do Rio de Janeiro.

Os procedimentos metodológicos adotados foram o levantamento bibliográfico e a entrevista semiestruturada. As entrevistas foram transcritas com as marcas da

oralidade das entrevistadas. Em campo, a orientação metodológica foi norteada pelos pressupostos do Construcionismo Social apregoado por Spink (2000) e Gergen (2009). Em suma, procurou-se estabelecer diálogos e traçar histórias de vida das participantes.

Vale destacar que existe uma grande diferença na experiência de imersão de Jack London e de nossa própria pesquisa, guiada por um questionário semiestruturado e um campo limitado de entrevistadas. Ainda assim, as paridades nos depoimentos coletados nas duas empreitadas são notáveis.

### **Jack London e O povo do abismo**

Jack London nasceu em São Francisco, Estados Unidos, em 12 de Janeiro de 1876 e morreu em novembro de 1916, em Glen Ellen, no mesmo país de nascimento. Seu nome de batismo é John Griffith Chaney. Filho de um astrólogo, William Henry Chaney, manteve esse nome somente durante oito meses, até Flora Wellman, sua mãe, que não era casada com seu pai, se casar com John London. London, portanto, é o sobrenome herdado de seu padrasto. Jack teria sido adotado por ele durante sua adolescência, como um pseudônimo (BETTI, 2004).

Crescido em um período de grandes transformações capitalistas, de substituição do trabalho humano pela máquina, desde a infância, London passou por inúmeras dificuldades financeiras. Ainda menino, teve de interromper os estudos para conseguir o sustento da casa, e exerceu diversas atividades, como entregador de revistas, pescador de lagostas e patrulheiro marítimo. Ele precisava ajudar sua mãe, de saúde frágil, e seu padrasto, que foi atropelado por um trem e não tinha condições de trabalhar.

Antes de viver esse período de extrema pobreza, o próprio London “imaginava que os vagabundos o eram por gosto, porque queriam a malandragem e a aventura sem responsabilidade ou porque eram preguiçosos, estúpidos ou beberrões” (SOUZA, 2006, p. 13). Chegou em Londres em um navio a vapor e não demorou para perceber que esses homens do *East End*, cuja expectativa de vida era de 30 anos (RIBEIRO, 2011, texto *online*), eram bons como ele próprio:

Quando batia de porta em porta, pedindo comida em companhia desses pobres diabos, ou quando tiritava de frio com eles nos vagões de bagagem ou nos bancos de jardins, London ouvia histórias de vida que tinham começado sob promessas tão risonhas quanto as da sua, e que terminavam tropeçando

de degrau em degrau até o plano mais baixo da sociedade (SOUZA, 2006, p. 13).

Na adolescência, depois de andar de trem sem pagar passagem, chegou a ser preso por vadiagem. Após sair da penitenciária, passou a militar pelo partido socialista, desligando-se dele na fase imediatamente anterior a sua morte (BETTI, 2004). Sua preferência política está marcada ao longo de toda a obra, conforme o seguinte trecho:

Os frutos da prostituição – prostituição de homens e mulheres e crianças, de carne e osso, e fulgor e espírito; enfim, os frutos da prostituição do trabalho. Se isso é o melhor que a civilização pode fazer pelos humanos, então nos dêem a selvageria nua e crua. Bem melhor ser um povo das vastidões e do deserto, das tocas e cavernas, do que ser um povo da máquina e do Abismo (LONDON, 2004, p. 293).

Além de depoimentos de pessoas que conheceu perambulando pelas ruas, o autor utilizou registros, relatórios, processos judiciais, dados e estatísticos para embasar a grande reportagem que deu origem ao livro “O povo do Abismo”. Apesar de também usar dados apresentados pelos jornais britânicos em sua obra, Jack London sabia que a imprensa não poderia fazer um bom trabalho com um público vulnerável, como as pessoas que dormiam pelas ruas do império britânico. “A ideia de apresentar-se ele próprio como um dos milhares de desabrigados e desempregados do *East End* londrino foi o recurso central do trabalho” (BETTI, 2004, p. 51). Foi ele, portanto, quem apresentou aos leitores o tema de forma inédita. London deixou isso claro na introdução de sua reportagem:

As experiências relatadas neste livro assaltaram-me durante o verão de 1902. Foi quando desci ao submundo de Londres com uma disposição mental melhor comparável à de um explorador. Queria ser convencido pela evidência dos meus olhos, e não pelos ensinamentos de quem não havia visto, ou pelas palavras dos que tinham visto e ido até lá anteriormente (LONDON, 2004, p. 65).

O que London fez, é o que na década de 1980 recebeu o nome de Jornalismo Gonzo, proposto pelo jornalista norte-americano Hunter Thompson: o jornalismo gonzo tem compromisso com a verdade e necessita de situações empíricas que produzem o retrato da realidade e das pessoas que vivenciaram determinadas experiências (LACERDA, 2012).

Uma característica desse tipo de jornalismo, que foge das rotinas tradicionais de produção da notícia é a parcialidade, apontada por Ribeiro (2011): ao retratar as massas proletárias do submundo social dos excluídos e dos miseráveis de Londres, London não produziu um relato imparcial, mas, sim, uma reportagem engajada de um militante da causa socialista. Podemos observar essa parcialidade no seguinte trecho:

Mas não era assim com os sem-teto que caminhavam comigo para o abrigo de Poplar. E há 35 mil deles, homens e mulheres, em Londres nesta noite. (...) Para homens de 60,70 e 80 anos, mal nutridos, sem carne e sem sangue, saudar o amanhecer sem ter tido a chance de se revigorar, passar o dia cambaleando numa busca insana por restos, com a noite inexorável novamente se aproximando, e fazer isso cinco noites e dias... Ah, gente bondosa e bem-nutrida, como é que um dia poderão entender? (LONDON, 2004, p. 128).

Ao longo da obra, é possível observar algumas técnicas literárias de escrita. Para ressaltar as condições adversas de sobrevivência, por exemplo, London utilizou-se da zoomorfização, na qual consiste na descrição de comportamentos humanos como de animais. A título de exemplificação, nessa passagem estava a visão do autor sobre uma personagem:

Ao entrarmos no parque, uma senhora de seus 50 ou 60 anos passou por nós com passadas largas e intenção firme, apesar do movimento cambaleante. Tinha duas trouxas volumosas, cobertas com aniação, que balançavam para frente e para trás. Era uma mendiga, uma alma sem-teto, independente demais para arrastar a carcaça enfraquecida para dentro de um abrigo de pobres. Como um caramujo, carregava a casa consigo (LONDON, 2004, p. 115).

Segundo Betti (2004), se o ponto forte de London foi desenvolver a crítica ao sistema econômico a partir da ótica de trabalhador explorado, o ponto fraco do autor foi se aproximar de ideias relacionadas à superioridade racial e à eugenia (semelhante ao darwinismo, postulava que, assim como na natureza, somente os mais aptos da sociedade sobrevivem ao ambiente). “Ele enxergava nos despossuídos do *East End* características de uma raça” (BETTI, 2004, p. 55). London apontou alguns aspectos dessa raça: homens de estatura baixa, sem rigidez muscular, mulheres e crianças pálidas e anêmicas, vergadas e encurvadas. Jack London afirma que para esse povo: “(...) forma física e beleza viram uma impossibilidade” (LONDON, 2004, p. 243).

Assim como Jack London saiu explorando o *East End*, no Brasil, na cidade de São Paulo, a jornalista Rebeca Kritsch, juntamente com o fotógrafo Vidal Cavalcante, passou cinco dias nas ruas vivendo como uma sem-teto, mendigando, reciclando latas e, até mesmo, embriagando-se para perder a vergonha de pedir esmola. A experiência resultou na reportagem “Viver nas ruas de São Paulo”, publicada no dia 3 de setembro de 1995, no Caderno Cidades, do jornal *O Estado de S.Paulo*. Para realizar esse trabalho, a dupla inventou uma história: eles seriam um casal recém-chegado à capital paulista. Ela estaria grávida e teria sido expulsa de casa; ele seria um fotógrafo cearense desempregado, que ainda possuía sua câmera fotográfica profissional. Ambos usaram roupas velhas e sujas, passaram fuligem no pescoço e começaram essa experiência na fila de distribuição de sopa de uma comunidade católica. A reportagem de quatro páginas, narrando toda essa história, rendeu à Rebecca o *Prêmio Esso de Reportagem de 1995*<sup>ii</sup>.

Na apresentação da obra “O povo do Abismo”, percebemos que, apesar de serem realidades, continentes e séculos diferentes, o Abismo apresentado por London existe no Brasil atual, sobretudo nas grandes capitais. Mudam-se os personagens, mas muitas situações ainda são as mesmas.

### **Sete mulheres sem casa: histórias de vidas no Rio de Janeiro**

Antes de apresentar as sete mulheres entrevistadas para a pesquisa, é importante mencionar o que se pode compreender por “mulheres em situação de rua”: são aquelas despossuídas de um imóvel próprio, alugado ou emprestado; que utilizam o espaço público como abrigo eventualmente ou constantemente; mulheres sem ou com frágeis vínculos familiares (de modo que nenhum parente aceite conviver com elas na mesma residência); que necessitam de assistência social ou ajuda de caridade para se alimentar, dormir e higienizar; que pernoitam em albergues, abrigos, hotéis, pensões, repúblicas ou casas de convivência; pessoas descomprometidas com os deveres do cidadão e desamparadas quanto aos seus direitos (FRAZÃO, 2010); que, na rua, convivem com a indiferença, a discriminação e o desprezo; que conseguem passar despercebidas, mesmo estando bem visíveis (TIENE, 2004). São mulheres discriminadas ou muitas vezes perseguidas, com baixo poder de expressão e representação política (DANTAS, 2007).

Martha de Abreu Esteves (1989) *apud* Silva (2011), ao descrever o cotidiano no Rio de Janeiro da *Belle Époque*, lembra que a mulher, desde a infância, foi criada e educada para ser mãe, cuidadora do lar e esposa. A ela era destinado o confinamento doméstico. Segundo a autora, ainda no início do século XX, a mulher circulava pouco pela rua e quando o fazia, era acompanhada pelo marido, se casada, ou pelos pais, se solteira. “Desta forma, o homem era detentor de maior liberdade para frequentar a rua, pois sua formação exigia que fosse adestrado para o trabalho, que soubesse lidar com tudo o que pudesse ser encontrado nos espaços públicos” (SILVA, 2011, p. 4). As mulheres em situação de rua, portanto, dentre outras marcas, também são caracterizadas por romper a fronteira do confinamento doméstico e desviar a imagem imaculada de “mulher honesta”, mãe e esposa dedicada.

Jane Aparecida de Campos é uma mulher em situação de rua de 46 anos, branca, estudou até a sexta série. Natural de Barueri/SP, mãe de quatro filhos, trabalhava como auxiliar de limpeza. Não possui documentos: “Assim que eu cheguei aqui no Rio, roubaram a minha bolsa com meus documentos e tudo” (informação verbal). Chegou à cidade a pé e de carona, vindo de São Paulo. O percurso demorou três dias. “Lá eu morava com um rapaz, ele usava crack, ele me batia, tentou me matar três vezes. Na terceira vez, eu comecei a andar sem destino e vim parar aqui” (informação verbal). Desde que está na capital fluminense, perdeu o contato com os filhos.

Sua única fonte de renda é a venda de materiais recicláveis. “Olha, dá para tirar uns 30 ou 40 reais, dependendo o dia que está bom” (informação verbal). Sua história de vida é atravessada pelo alcoolismo. Filha de pais alcoólatras, ex-marido alcoólatra, Jane começou a beber ainda na infância. Desempregada, sem condições de pagar o aluguel, sem ajuda dos filhos, foi morar nas ruas, onde teve recaída e voltou a consumir álcool de forma abusiva.

Maria Cristina de Souza Castro, de 53 anos, negra, trabalhou a vida toda como empregada doméstica e fez uns “bicos” como cozinheira na escola de samba da Mangueira. Nascida em Porciúncula, município do Rio de Janeiro, veio para a capital ainda bebê acompanhar a mãe, que também trabalhava em casa de família. A mulher estudou até a quinta série do ensino fundamental. Mãe de três filhos de pais diferentes, o mais novo falecido aos 15 anos em decorrência de um assalto que ele cometeu, ela diz que não tem contato com as outras filhas, sua conversa é por telefone e apenas com a mãe, de mais de oitenta anos.



Vinda de uma família de alcoólatras, Maria Cristina começou a consumir álcool e outras drogas no começo da adolescência. Na época da entrevista, a mulher estava fazendo tratamento para conter o vício no Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apesar de inúmeras recaídas, ela estava otimista: “Parei, com certeza, totalmente. No começo eu ficava ‘meia’ zonza por causa do meu organismo, né? Graças a Deus, hoje estou limpa!” (informação verbal).

Nas ruas, circulava pelos bairros Tijuca e Maracanã, tomava banho em postos de gasolina e em praças com fontes de água. Ela dormia com um grupo de pessoas e comia no restaurante popular do bairro Maracanã. “Fazia amizades com pessoas que eu nunca tinha visto na minha vida, né? Dormia ao lado delas, passava a ser amigos” (informação verbal). Suas tardes eram ociosas: “ficava com a tarde livre, fazia fiado, me davam cachaça e à noite eu ia reciclar de novo” (informação verbal). Seu maior medo, no período em que viveu nas ruas, era sofrer violência sexual. Para ela, a única vantagem de ter passado por todas essas situações foi aprender a reclamar menos da vida.

Cecília Celi da Silva Correa, solteira, sem filhos, parda, 52 anos, carioca, segundo grau completo, órfã de pai e mãe, traz-nos relatos instigantes. Foi criada em colégio interno, morou em um pensionato com o apoio da Funabem, antiga Fundação Nacional do Bem Estar do Menor, depois de um período, passou a morar com uma amiga, mas precisou desocupar a casa assim que essa amiga se casou. Desde então, vivia sozinha em cômodos alugados. Ela trabalhou como operadora de caixa, balconista, recepcionista e auxiliar de crédito, mas, em 2001, ficou sem emprego e renda:

Olha, eu perdi meu emprego e não pude pagar o aluguel e a senhorinha não quis nem me dar um prazo maior pra mim arrumar um outro emprego e continuar pagando aluguel, que era um quarto. Eu fiquei desnorreada porque eu tinha muitos amigos, pedi ajuda dos amigos e não puderam me ajudar em moradia, me ajudavam em outras coisas, assim, como por exemplo, um prato de comida, um banho, lavar a minha roupa, mas moradia mesmo não quiseram me dar, aí eu fiquei nas ruas quatro anos e sete meses (informação verbal).

Cecília revela que a primeira vez que foi para um abrigo, entrou em pânico e precisou ser internada durante dois meses em um hospital psiquiátrico:

Briguei com a diretora aqui dentro porque eu não queria dividir quarto com ninguém, por isso que me internaram e colocaram eu no CAPS, que faz tratamento psiquiátrico. Quando eu cheguei aqui, eu estranhei, aí eu surtei, eu surtei, fiquei desnorreada, eu não queria ficar presa em abrigo, eu só queria

um quarto pra mim morar. Tinha muita gente, muita gente, muita gente que fala palavrão, que xinga, que surta, aí dividia o quarto com outra pessoa, uma pessoa relaxada, não sabe limpar o quarto, é porca, aí eu surtei e eu fui internada (informação verbal).

Depois dessa internação, ela passou a fazer tratamento para esquizofrenia. A mulher nunca fez uso de álcool ou outras drogas e não passou fome enquanto esteve nas ruas. Ela circulava sozinha pela Ilha do Governador e como estratégia de segurança, não dormia no mesmo ponto “pra não ficar manjada” (informação verbal).

Cristina Maria da Silva Costa, de 50 anos, é parda, completou o ensino fundamental e trabalhou como empregada doméstica. Sem filhos, sem nenhuma fonte de renda, sua única referência familiar é o pai alcoólatra, com quem não tem contato: “porque nós estamos brigados há mais de dois anos” (informação verbal). A motivação da desavença é que o pai não quis acolhê-la quando ela pediu abrigo, porque a outra filha não queria a irmã dentro de casa. A mulher foi amasiada com um homem por dez anos. Dele, sofria agressão física. Toda vez que brigavam, ele expulsava Cristina de casa: “a casa era dele, mas a rua era minha, né?” (informação verbal). A última briga foi definitiva e, nas ruas, ela passou a fazer uso de álcool.

A mulher viveu mais de um ano em situação de rua. Ela preferia andar em grupos. Dormia debaixo de marquises de supermercado ou hospitais, tomava banho em instituições religiosas que ofereciam toalete e se alimentava pedindo doações nos restaurantes ou quando distribuía comida nas ruas: “Eu acordava de manhã, tinha o café né, que o pessoal dava, eu catava latinha pra comprar o cigarro, pra comprar desodorante. E depois ficava sentada conversando e procurava esse lugar que tem assistente social” (informação verbal). Para ela, higiene, segurança e preconceito foram as principais dificuldades pelas quais passou:

Na hora que você vai fazer a higiene pessoal, tomar um banho, porque tem que procurar lugar e nem todo mundo dá; e na hora de dormir porque você não dorme na rua, você tira um cochilo, porque na rua você está sujeito a tudo, a ser estropada, entendeu? As pessoas passam e debocham de você e ficam rindo, pensa que você não quer trabalhar, porque vê você com saúde assim, né? (informação verbal).

Maria de Lourdes, 42 anos, negra, solteira, sem filhos, é nascida em Volta Redonda, no estado do Rio de Janeiro. Antes de ir para as ruas, trabalhou como empregada doméstica e morava junto com a família dos patrões próximo à Lagoa

Rodrigo de Freitas. Depois, trocou de emprego, alugou um apartamento em Copacabana, “então o dinheiro acabou e aí eu fui pra rua” (informação verbal). No total, foram cinco anos vivendo nas ruas até ir para a Unidade de Reinserção Social Stella Maris. A mulher tem irmãos no município de origem, mas não se dá bem com eles. Ela estudou até a quinta série e recebe aposentadoria. Todo o dinheiro fica investido na poupança bancária.

Nas ruas, tomava banho um dia sim um dia não, na praia. Dormia debaixo de qualquer marquise e “catava latinha pra comprar um biscoito, um suco” (informação verbal). Mesmo assim, conta que passou fome. Conseguir alimentos era seu principal problema. Além disso, reclama dos dias em que chovia e ela ficava molhada. Já foi vítima de estupro certa vez que estava no Aterro do Flamengo. O rapaz estava armado e ela não teve reação.

Ana Lucia Alves da Silva, 34 anos, parda, carioca, solteira, explica que nunca necessitou dormir nas ruas, mas se não fosse o abrigo municipal, precisaria. É formada em técnico de enfermagem, mas trabalhou também como vigilante e nas lojas *Americanas*. Criada no bairro da Penha, disse que não tinha mais nenhum elo familiar: “Eu me casei, me separei e não tive condições mais de pagar as contas porque eu perdi meu trabalho. Ninguém quis dar apoio ou ajudar. Quando precisei, que eu fui procurar, não quiseram ajudar, aí eu vim pra cá e vou tentar minha vida sozinha, eu e Deus” (informação verbal). Certo dia, “surtou”, fez tratamento em um Centro de Atendimento Psicossocial e a assistente social do CAPS conseguiu uma vaga para ela no abrigo.

Sua fonte de renda é um salário mínimo que recebe do auxílio-doença do Plano de Previdência Complementar, do governo, porque é bipolar e faz tratamento psiquiátrico com antidepressivos e estabilizadores de humor. Todo o dinheiro está sendo investido na caderneta de poupança com o objetivo de alugar uma casa para morar.

Gleicyane da Conceição Geraldino, parda, 24 anos, concluiu o ensino superior. Sua formação é de licenciatura em Música pela *Escola Baden Powell*, da Fundação de Apoio à Escola Técnica (Faetec) do Estado do Rio de Janeiro, embora não trabalhe na área devido a uma tendinite que comprometeu os movimentos dos dedos. “Eu fui atendente, trabalhei no Bob’s, Lojas Americanas, fui auxiliar de loja, operadora de caixa” (informação verbal). Na época da entrevista, a jovem trabalhava como operadora de *telemarketing* na empresa Atento Brasil, unidade da Penha.

Solteira, sem filhos, ela tem uma história peculiar. O motivo para o seu histórico de rua foi a violência sofrida pelo seu genitor: “ele sempre agrediu a minha mãe antes de morrer, meus irmãos e por último eu, que era a mais nova” (informação verbal). O pai, que era de classe média e sócio de um hotel, batia também na madrasta. Segundo a musicista, a penalidade do homem foi prestar ajuda comunitária, mas isso não fez com que ele parasse com as agressões. Nesses episódios, ela diz que ele expulsou todos os filhos de casa, inclusive ela. Nas primeiras brigas, Gleicyane era acolhida por parentes ou amigos: “Só que no ano passado eu não consegui ninguém. Toda a minha família fechou as portas pra mim” (informação verbal).

Méier, Madureira e Penha foram os bairros pelos quais a jovem percorreu. Geralmente, ficava próximo a postos de gasolina, onde podia ir ao banheiro e beber água. Apesar de ter sido estuprada e de ter passado muita fome, para ela, a principal dificuldade era não ter um local adequado para a sua higiene. Gleicyane comenta que a mulher é mais vulnerável na questão da segurança e trabalho.

Embora apresentem perfis diferentes, as falas dessas sete entrevistadas nos permitem traçar alguns pontos em comum: baixa escolaridade (apesar de uma ter concluído o ensino superior); a maioria é parda; solteira ou divorciada; com histórico de frágeis ou sem vínculos afetivos e consumo abusivo de álcool. Nenhuma delas tem condições de se manter sozinha, e, por isso, elas precisam de ajuda das ações do município e do governo para as necessidades mais básicas de sobrevivência. Todas mostraram falta de elo familiar, característica essa que não aparece nos personagens apresentados na obra de Jack London.

No *East End* londrino, o principal problema não eram as desavenças familiares, mas, sim, a miséria que assolava as famílias:

“Estou imunda! Pudera, passei o dia inteiro andando para cima e para baixo”, disse a mulher, sentando-se no café, limpando o sono e a sujeira do canto dos olhos. [...] Vivera feliz até o pai morrer num acidente, foi aí que se viu sozinha no mundo. Um irmão estava no exército e o outro irmão, ocupado em manter mulher e oito filhos com 20 xelins por semana e um emprego instável, não podia fazer muito por ela (LONDON, 2004, p. 182).

### **Semelhanças que não são coincidências**

Cento e três anos atrás, Jack London indignava-se ao observar uma medida higienista criada para impedir que os sem-teto dormissem em um parque de Londres:

Ali só cresce grama, devidamente cercada por um gradil de ferro com lanças pontiagudas, como em todos os outros parques de Londres, para impedir que à noite homens e mulheres sem-teto entrem para dormir sobre ela. (...) Em outro banco, uma mulher usa uma faca para aparar as franjas puídas da sua roupa e outra mulher, com linha e agulha, remenda rasgos. Ao lado, um homem segura nos braços uma mulher adormecida. Um pouco mais longe, um homem, a roupa empastada com a lama do esgoto, adormece com a cabeça no colo de uma mulher de não mais de 25 anos, também entorpecida. Era o sono que me intrigava. Por que nove entre dez dormiam ou tentavam dormir? Só mais tarde fui entender. Havia uma lei que proibia os sem-teto de dormir à noite. Na calçada, no pórtico da Christ's Church, onde os pilares de pedra elevam-se para o céu formando uma sequência imponente, havia filas inteiras de homens deitados, dormindo ou cochilando, num torpor demasiado profundo para se levantarem ou ficarem curiosos com nossa intrusão (LONDON, 2004, p. 115-116).

Passado mais de um século, no Rio de Janeiro, as medidas higienistas clássicas do século XIX continuam as mesmas, conforme os depoimentos de várias entrevistadas, que foram abordadas por agentes municipais e convidadas para irem a abrigos distantes das regiões centrais do Rio de Janeiro.

London criticava as leis britânicas, que, na época, aplicavam penas severas e igualavam crimes contra a propriedade e contra a pessoa: “Triturar a mulher de alguém até deixá-la mole como geleia e quebrar algumas de umas costelas é uma ofensa trivial em comparação a dormir sob as estrelas por falta de meios para pagar por um teto” (LONDON, 2004, p. 200).

Em outra passagem de “O povo do Abismo”, Jack London se dedicava a falar de bebida, temperança e parcimônia. Nessa parte, o autor explica porque muitos viventes de rua acabam adquirindo o hábito do alcoolismo:

Quando a vida doméstica se esvai, a taberna aparece. Os homens e mulheres que têm uma avidez anormal por bebida não são apenas os que trabalham em excesso, estão exaustos, sofrem com estômagos debilitados e saneamento ruim e estão mortificados pela feiura e pela monotonia da existência, mas também os homens e mulheres de espírito gregário que não têm vida doméstica e fogem para a ofuscante e barulhenta taberna numa vã tentativa de exprimir sua sociabilidade (LONDON, 2004, p. 309).

Jane Aparecida Campos atribui outra função ao uso do álcool: a “coragem” necessária para dormir ao relento. “Pra gente que é mulher... se você não tomar pelo menos uma bebida forte para você dormir, você não dorme. Eu não vou mentir, quando

eu estava na rua, fazia reciclagem e prá dormir, eu comprava cachaça e tomava pra mim poder dormir” (informação verbal). Brognoli (1996) cita que o álcool vai além de um vício: atua como suporte de vida cotidiana desenrolada em público, serve para reduzir a inibição na hora de pedir dinheiro, “anestesia” o frio, a fome, as dores físicas e as lembranças ruins, além de ser um reforçador dos laços interpessoais flutuantes.

Algumas formas de preconceito mencionadas na obra de London aparecem nas falas das entrevistadas. E, geralmente, são tão intensas, que levaram a comportamentos hostis por parte daqueles que se sentiram incomodados com as mulheres em situação de rua. Cecília Celi da Silva Correa, por exemplo, passou por situações delicadas: “me xingavam quando passava. Tinha rapazes ou grupo de jovens que quando eu passava, jogavam pedra em mim. Uma vez jogaram um garfo, que parou aqui em mim, quase furei meu olho”(informação verbal). Maria de Lourdes afirmou que sofreu grosserias até mesmo de infantes: “Ah, na rua eles não me deixava sossegada, não. Às vezes era criança né, ficava incomodando né, jogava pedra” (informação verbal). Na reportagem de London surgem episódios semelhantes:

(...) De vez em quando, meninos e rapazes paravam e aproximavam-se para dar vazão a gritos repentinos e diabólicos. Os gritos arrancavam os maltrapilhos do sono e a multidão soltava risadas estrepitosas diante da visão da miséria amedrontada (LONDON, 2004, p. 180).

As paridades nos depoimentos das entrevistadas e na observação de London sobre a discriminação dessa parcela social nos remetem a Arendt (1991) *apud* Dantas (2007). A autora expressa a extrema solidão dos que vivem “a experiência de não se pertencer ao mundo, que é uma das mais radicais e desesperadas experiências que o homem pode ter” (ARENDDT, 1991, p. 15).

No capítulo 14 do livro (A colheita e os colhedores), London mostra como as mulheres eram tratadas de forma desigual. Quando conseguiam trabalho nas regiões dos campos de lúpulo, colhiam muito mais que os homens, mas uma mulher e meia dúzia de crianças recebiam o equivalente ao trabalho realizado por um homem. Swain (2000), ao falar sobre a mulher, explica a naturalização da desigualdade de gêneros já não é nem questionada: “a história do Ocidente naturaliza as relações e funções atribuídas a mulheres e homens, recriando-as e desenvolvendo uma política de esquecimento, que apaga o plural e o múltiplo do humano” (SWAIN, 2000, p.48).

Outro ponto em comum da Londres do século XX e do Rio de Janeiro do século XXI é a dificuldade em se conseguir uma vaga para dormir no abrigo público, conforme essa passagem do livro:

Até agora fiz duas tentativas e, em breve, devo fazer uma terceira. Na primeira vez, comecei às sete da noite com quatro xelins no bolso. Aí eu já havia cometido dois erros. Em primeiro lugar, o candidato a uma vaga deve ser pobre e, como é submetido a rigorosa inspeção, realmente precisa ser pobre e quatro pence, ainda mais quatro xelins, é riqueza suficiente para desqualificá-lo. Em segundo lugar, cometi o erro do atraso. Sete horas da noite é tarde demais para um mendigo conseguir uma cama de mendigo. Para os bem-alimentados e inocentes, deixe-me explicar o que é um abrigo ou um albergue noturno. É um lugar onde os sem-teto, sem-cama e sem-tostão, se tiverem sorte, eventualmente podem descansar os ossos exaustos e pagar por isso no dia seguinte, trabalhando como operários em escavações, construção de estradas etc (LONDON, 2004, p. 119).

Jane Aparecida de Campos conta como foi difícil conseguir uma vaga na Casa de reinserção social Irmã Dulce, no Rio de Janeiro:

Quem arrumou aqui prá mim foi a Katiane, do CREAS de Santa Cruz. Ela arrumou a primeira vez, mas eu tava fazendo a reciclagem e ela não me achou. Na segunda vez, a mesma coisa. Na terceira, eu procurei ela e pedi pelo amor de Deus pra ela arrumar uma vaga prá mim porque eu não estava aguentando mais ficar na rua. Na terceira vez, ela conseguiu. Eu falei: “não acredito”!. Minha filha, eu larguei meu saco de reciclagem lá na praça e descí, fui lá no CREAS. Depois que eu cheguei aqui, minha filha, eu tô na paz (informação verbal).

Segundo Rosa e Brêtas (2011), as políticas públicas de abrigamento não oferecem uma “porta de saída” da condição de rua, isso é possível somente em algumas iniciativas da sociedade civil e/ou organizações sociais, que atingem um número muito limitado dessa clientela.

Depois de conseguir adentrar no abrigo de Popular, London descobre a precariedade da alimentação oferecida. Para o jantar e para o café da manhã eram servidas as mesmas coisas: 170 g de pão e 420 ml de *skilly*. “*Skilly* é um preparado com 800 ml de farinha de aveia misturados em três baldes e meio de água quente” (LONDON, 2004, p. 131).

Na mesma linha de crítica, Gleicyane da Conceição Geraldino comenta que, embora o abrigo onde dorme no Rio de Janeiro ofereça todas as refeições, ela já recebeu comida estragada e com cabelo. Cristina Maria da Silva Costa reclama que, nas normas das instituições, as pessoas não podem comer duas vezes a mesma refeição: “Isso é



muito triste, porque você come e se você tá com fome, não pode repetir, porque isso aqui é o governo que manda, sai do bolso da pessoa” (informação verbal).

Por meio dos depoimentos das entrevistadas e das passagens do livro de Jack London, percebe-se que essas meras semelhanças não são coincidências. O Brasil herdou muitas dessas práticas do império britânico do século XX e continua “colocando em prática” nos dias atuais.

### **Considerações finais**

“O povo do Abismo” é uma denúncia ao contexto social britânico do século XX, que também serve de amparo para tecer críticas ao atual cenário brasileiro. O Estado de bem-estar no Brasil atual, na verdade, deixa desamparada uma vasta clientela que demanda políticas públicas especializadas, como no caso da população de rua e de idosos dependentes, por exemplo. Os recursos públicos, as políticas e serviços de Estado são tratados como “investimentos” que contemplam retornos financeiros. Portanto, investir em estratos improdutivos da população não se enquadra na lógica empreendedora do bem-estar social no País. A falta de moradia e de qualidade dos serviços oferecidos aos desabrigados; as medidas higienistas tão notáveis e a exclusão em geral desta população são evidências do descaso do governo.

E quem são os miseráveis, os humilhados, os esquecidos do matadouro social brasileiro? Por que as pessoas têm tanto preconceito com esse público? Então, percebemos que ainda há outros pontos em comum com a obra de Jack London. Assim como a imprensa foi mencionada na história do autor, os jornais brasileiros não têm interesse em publicar matérias com temáticas sobre esse público e sobre as falhas dos gestores municipais e governamentais. Quando publicam algo, geralmente a notícia tem algum viés criminal, seja de vigilância, seja de punição.

De um lado o governo displicente e de outro uma imprensa despreparada, que não sabe relatar de maneira mais humanizada questões relacionadas à população em situação de rua. Trata-se de uma associação bastante nociva, já que modula pejorativismos no imaginário social e faz com que a sociedade se desengaje de projetos que contemplem as necessidades da população de rua. Necessidades que extrapolam alimentação e vestimentas, tal como se pensa habitualmente.



## Referências

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense, 1991.
- BETTI, Maria Sílvia. Jack London, um homem do seu tempo. In. LONDON, Jack. **O Povo do Abismo: fome e miséria no coração do império britânico – uma reportagem no início do século XX**. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
- BROGNOLI, Felipe Faria. **Trecheiros e pardais: estudo etnográfico de nômades urbanos**. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Curso de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo, Editora 34/Edusp, 2000.
- CAMPOS, Jane Aparecida de. [4 abr. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.
- CASTRO, Maria Cristina Souza de. [4 abr. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.
- CORREA, Cecília Celi da Silva Correa. [9 abr. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.
- COSTA, Cristina Maria da Silva. [9 abr. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.
- COSTA, Jurandir. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- DANTAS, Monica. **Construção de Políticas Públicas para População em Situação de Rua no Município do Rio de Janeiro: Limites, Avanços e Desafios**. (Dissertação de mestrado). Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2007.
- FRANGELLA, Simone. **Corpos urbanos errantes: uma etnografia da corporalidade de moradores de rua em São Paulo**. Tese (Doutorado em Ciências Social)- Programa de Pós-graduação em Ciências Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- FRAZÃO, Theresa Christina Jardim. **O morador de rua e a invisibilidade do sujeito no discurso jornalístico**. (Tese Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília. Brasília, 2010.
- GERALDINO, Gleicyane da Conceição. [9 abr. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.
- GERGEN, K. J. O Movimento do Construcionismo Social na Psicologia Moderna. In: **INTERthesis**, Florianópolis, v. 6, n.1, p. 299-325, jan/jul. 2009.
- KRITSCH, Rebeca. Viver nas ruas: o dia-a-dia nas calçadas e a noite sob as marquises de São Paulo estraçalham a dignidade, **O Estado de S.Paulo**, Caderno Cidades: C1, 1995.

LACERDA, Luciene Mendes. O jornalismo gonzo: um possível diálogo entre Hunter S. Thompson e Arthur Veríssimo. **Anais ... 2º Encontro Regional Norte de História da Mídia**, nov. 2012, UFPA. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/O%20jornalismo%20gonzo.pdf/view>> . Acesso em 17 ago. 2015.

LONDON, Jack. **O povo do abismo**: fome e miséria no coração do império britânico: uma reportagem do início do século XX. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004.

LOURDES, Maria de. [9 abr. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

RIBEIRO, Carlos. Imenso Matadouro. O povo do abismo, reportagem de Jack London, é relato doloroso da exploração humana. In: **Rascunho**: Jornal de Literatura do Brasil, out./2011.

ROSA, Anderson da Silva; BRÊTAS, Ana Cristina Passarella. Envelhecimento em situação de rua: A história de Maria Rosa. In: TRENCH, Belkis; ROSA, Tereza Etsuko da Costa (orgs.). **Nós e o outro**: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011. p. 183-198.

\_\_\_\_\_. A violência na vida de mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo. In: **Interface**: Comunicação, saúde e educação, 2015; 19(53). p. 275-85.

SILVA, Ana Lucia Alves da. [9 abr. 2014]. Rio de Janeiro. Entrevista concedida à autora.

SILVA, Maria Lucia Lopes da. **Trabalho e população em situações de rua no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009.

SILVA, Clodoaldo Oliveira. Embates discursivos em torno do crime de sedução em Londrina-Paraná (1940-1970). In: **Anais ... XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH, São Paulo, jul. 2011. Disponível em:< [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1307481887\\_ARQUIVO\\_EmbatesdiscursivosemtornodocrimedeseeducaoemLondrina.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1307481887_ARQUIVO_EmbatesdiscursivosemtornodocrimedeseeducaoemLondrina.pdf)>. Acesso em: 15 out. 2015.

SOUZA, Carlos Augusto Hentges de. London em Londres: **Jornalismo, Literatura e o Abismo em 1900**. 2006. 54 f. Monografia (Conclusão de Curso) - Ufrgs, Porto Alegre, 2006.

SPINK, M. J. (org). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 2000.

SWAIN, Tânia. A invenção do corpo feminino ou “a hora e a vez do nomadismo identitário?”. In: **Textos de História**. V. 8, n. 12, p. 47-84, 2000.

TIENE, Izalene. **Mulher moradora na rua**: entre vivências e políticas sociais. Campinas, SP: Alínea, 2004.

---

<sup>i</sup> Disponível

em:<[http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/abolicao\\_a\\_igualdade\\_que\\_nao\\_veio.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/abolicao_a_igualdade_que_nao_veio.html)>. Acesso em: 31 out.2015.

<sup>ii</sup> Disponível em: [http://www.premioexxonmobil.com.br/site/premio\\_principal/index.aspx?year=1995](http://www.premioexxonmobil.com.br/site/premio_principal/index.aspx?year=1995). Acesso em: 23 ago. 2015.